

Uma Análise do Rádio como Papel Fundamental na Comunicação em *Hilda Furacão*¹

Rodrigo Miranda Barbosa²

Flávia Monique Alves de Luna³

Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Caruaru, PE

RESUMO

O presente artigo busca analisar a representação do rádio como tecnologia na minissérie *Hilda Furacão* (1998), investigando seu caráter determinista e seu uso estratégico pelos personagens. A discussão usa como base teórica o conceito de determinismo tecnológico e na própria narrativa da série. Em síntese, a análise evidencia a relevância do rádio como central nas relações sociais retratadas, ora como agente de comportamento, ora como meio de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; *Hilda Furacão*; determinismo tecnológico; ferramenta de comunicação; neutralidade.

INTRODUÇÃO

O rádio foi essencial na transformação da sociedade brasileira ao longo do século XX. Desde sua estreia oficial em 7 de setembro de 1922, firmou-se como meio de comunicação de massa que informava, educava e entretinha. Sua presença constante, especialmente por anúncios repetitivos e eficazes, contribuiu para consolidar hábitos de consumo, levantando o debate sobre seu papel como agente de mudança ou ferramenta estratégica de controle.

O exemplo foi o que aconteceu com a divulgação da necessidade do banho diário, da importância da escovação dos dentes várias vezes ao dia [...]. Entretanto não bastava tomar banho, tinha que ser com o sabonete de uma determinada marca (Calabre, 2002, p. 173)

O rádio, principal meio de comunicação de sua época, não apenas informava, mas influenciava comportamentos e hábitos de consumo, como o banho diário e a escovação dos dentes. Esse cenário se insere na crise brasileira das décadas de 1950 e

¹ Artigo produzido para a disciplina de Tecnologias da Comunicação do curso de Comunicação Social, do Centro Acadêmico do Agreste.

² Orientador do trabalho e professor do curso de Comunicação Social da UFPE- CAA, e-mail: rodrigo.mbarbosa@ufpe.br

³ Estudante de Graduação do 3º semestre do curso de Comunicação Social da UFPE- CAA, e-mail: flavia.luna@ufpe.br

1960, marcada por tensões sociais no período pré-ditadura militar. É nesse contexto que *Hilda Furacão* (1998) retrata o conservadorismo da elite, movimentos estudantis, comunismo e perseguições (Calegari, 2009, p. 101–115). Na trama, o rádio divulga tanto fatos históricos quanto notícias sobre Hilda, jovem que abandona o casamento para ser uma prostituta. Assim, o rádio atua quase como um personagem, influenciando eventos e situando o espectador na narrativa histórica.

Embora muitas vezes seja tratado como determinista ou neutro, o papel da tecnologia exige uma abordagem mais complexa: ela não é nem agente autônomo que impõe mudanças inevitáveis, nem um mero instrumento moldado pelas estruturas sociais, no entanto, transforma e é transformada por elas.

Com base nisso, o artigo analisa como o rádio, enquanto tecnologia na minissérie, influencia as interações sociais ou se é utilizado estrategicamente pelos personagens. Serão analisadas cenas com o rádio, observando sua atuação nas dinâmicas sociais e sua ligação com discursos, comportamentos e relações de poder, para identificar se a narrativa adota uma visão determinista, neutra ou ambígua da tecnologia.

O artigo está dividido em quatro partes, sobre a história, produção e audiência da minissérie, discussão sobre determinismo tecnológico e neutralidade, análise do papel do rádio na narrativa, e uma análise final sobre como o rádio é representado na obra.

1. História, produção e audiência da minissérie *Hilda Furacão*

Lançada em 1998, a minissérie *Hilda Furacão*, baseada no livro de Roberto Drummond, escrita por Glória Perez e dirigida por Wolf Maya, Maurício Farias e Luciano Sabino. Ambientada em Belo Horizonte entre 1959 e 1964, período que marca o início da ditadura militar, retrata a trajetória de Hilda, jovem rica que abandona o casamento e a vida tradicional para viver entre as prostitutas da Zona Boêmia, tornando-se uma delas, e ficando conhecida como Hilda Furacão. Paralelamente, acompanha-se frei Malthus, seminarista conhecido como “Santo”, que está dividido entre a vocação religiosa e seu amor por Hilda.

A produção foi um marco na teledramaturgia brasileira, destacando-se pelo elenco de peso com Ana Paula Arósio (*Hilda Furacão*), Rodrigo Santoro (frei Malthus) e Matheus Nachtergaele (*Cintura Fina*), pela ambientação detalhada e pela forte crítica social explorando temas em meio a crise brasileira.

Hilda Furacão teve grande recepção do público, alcançando 32 pontos⁴ de audiência às 22h30, superando a novela *Torre de Babel* no horário nobre da Globo (1998). Seu sucesso permanece entre gerações mais novas, graças às redes sociais. Parte desse impacto se deve à forma como retrata o contexto histórico e midiático da época, com o rádio sendo um dos elementos centrais da ambientação. Mas até que ponto essa tecnologia atua de forma determinista ou neutra? Essa questão será discutida a seguir.

2. Determinismo tecnológico e neutralidade da tecnologia

O determinismo tecnológico explicado por Val Dusek, sugere o papel central da tecnologia e o modo em que ela determina a sociedade, moldando suas estruturas e comportamentos. Nessa perspectiva, o determinismo tecnológico não é apenas um reflexo das vontades humanas, mas direciona as mudanças sociais. Exemplos disso incluem o telégrafo, que revolucionou a comunicação e as dinâmicas políticas e comerciais; o rádio, que ampliou o acesso à informação e ao entretenimento; e a internet, que transformou relações sociais, trabalho e consumo, impactando inclusive a economia.

Por outro lado, o determinismo social diz que é a sociedade quem molda o uso e desenvolvimento das tecnologias, ou seja fatores políticos e econômicos determinam como uma tecnologia será usada. O rádio, por exemplo, só ganhou relevância por ter sido usado por governos, empresas e igrejas, que guiaram o uso diante dos interesses.

Entretanto, a ideia de determinismo social leva a neutralidade da tecnologia, que vê os meios tecnológicos como ferramentas cujo efeito depende do uso e do contexto histórico e cultural. Para Langdon Winner, as tecnologias são neutras e podem servir tanto para o bem quanto para o mal, conforme a intenção de quem as utiliza. Ele afirma: “tecnologias são vistas como ferramentas neutras que podem ser bem ou mal usadas [...]” (Winner, 1986, p. 24). Isso indica que os resultados não são determinados pela tecnologia, mas pelas formas como ela é usada em diferentes contextos.

Nesse sentido, a representação do rádio na trama também se aproxima da noção de tecnologia autônoma discutida por Jacques Ellul, em que os meios tecnológicos, embora criados por humanos, escapam de seu controle. Dusek lembra esse paradoxo

⁴ Unidade de medida utilizada para representar o número de telespectadores ou domicílios que estão assistindo a um programa de televisão simultaneamente. O valor de um ponto de Ibope pode variar conforme a região e a população da área.

com exemplos como Einstein e Oppenheimer, que as criações tiveram efeitos além de suas intenções. É nesse ponto que surge a análise de como o rádio é representado como ferramenta de comunicação dentro da minissérie, influenciando personagens e eventos.

3. O rádio com ferramenta de comunicação dentro Hilda Furacão

Hilda Furacão se passa em um período no qual o rádio era um dos principais meios de comunicação de massa (Calabre, 2004), representado como elemento narrativo central que influencia personagens e acontecimentos. Ao longo dos episódios atuando como mediador da opinião pública, informando e moldando percepções sobre Hilda e os acontecimentos de Belo Horizonte, como mostraram os episódios selecionados.

No episódio 3, Roberto (repórter da rádio e narrador inspirado em Roberto Drummond) investiga os motivos que levaram Hilda à Zona Boêmia. Enquanto isso, Emecê lê ao vivo uma carta sobre o “mal de Hilda”, descrito como o mal que ataca os homens, e propõe uma enquete sobre a Zona Boêmia. Aqui o rádio atua como mediador da opinião pública, moldando o debate e influenciando percepções. Seu uso, porém, não é neutro nem totalmente determinista, mas estratégico, como na criação de polêmicas.

No episódio 4, a rádio anuncia que Frei Malthus “Santo” fará um discurso sobre a Cidade das Camélias e vai exorcizar Hilda Furacão. Em paralelo, Loló Ventura, presidente da Liga de Defesa da Moral e dos Bons Costumes, vai até a emissora de rádio convocar uma marcha até a Zona Boêmia para borrifar água benta. Aqui o rádio é apresentado como ferramenta de mobilização coletiva com a tecnologia, nesse caso, não é neutra, pois o meio é usado para fortalecer discursos morais e religiosos.

No episódio 6, a rádio revela que a maioria dos ouvintes apoia Hilda e a Zona Boêmia. O Emecê anuncia um terço liderado por Malthus, coincidente com a votação sobre a Cidade das Camélias. Aqui o rádio continua exercendo papel ativo, tanto como formador de opinião quanto como espaço onde os personagens montam a imagem pública de Hilda, dessa maneira a tecnologia atua como mediadora e intensificadora dos acontecimentos, reforçando a percepção de que ela molda a história da minissérie.

No episódio 20, Hilda anuncia na Rádio Inconfidência sua intenção de se casar, enquanto o narrador lança chamadas sensacionalistas como “Hilda Furacão procura um

noivo”. Aqui o rádio funciona como espetacularização da vida privada, mostrando como a tecnologia amplifica e distorce eventos individuais.

No episódio 22, a rádio contextualiza os acontecimentos recentes: a rejeição do pedido de casamento por Hilda, um padre que distorce os fatos ao relacionar Hilda a uma ameaça moral e comunista, e uma carta sobre uma proposta de casamento à Hilda. O rádio constrói uma narrativa que mistura moralidade, religião e política, nesse caso não apenas relatando fatos, mas induzindo a interpretação dos acontecimentos.

No episódio 24, a rádio continua na narrativa do casamento de Hilda, além de servir de palco para discursos conservadores, como o da Liga de Defesa da Moral, e a renúncia de Jânio Quadros. Aqui o rádio aparece como palco de disputas políticas, funcionando como difusor de conservadorismo devido à interferência de personagens.

No episódio 32, por fim o Emecê anuncia que Hilda está deixando a cidade com a seguinte chamada: “Hilda furacão, a musa da boemia mineira, está deixando hoje a vida alegre por um destino desconhecido”. O rádio assume o papel de narrador da história coletiva, oficializando o fim de uma era.

Esses exemplos mostram o papel central da rádio na narrativa, influenciando decisões e acontecimentos como um palco. Sua presença constante levanta questões: a rádio, em *Hilda Furacão*, é um meio determinista? Além disso, a rádio pode ser considerada neutra? Essas questões serão discutidas no próximo tópico.

4. Afinal, o rádio é determinista ou neutra na minissérie *Hilda Furacão*?

No Brasil, ao decorrer dos anos de 1930 e 1950, o rádio começou a fazer parte do cotidiano dos brasileiros. De acordo com Oliveira (2003) no começo da década de 1930 existiam por volta de 16 emissoras de rádio em funcionamento, entretanto do início da década até 1937, esse número subiu para mais 43 novas emissoras, demonstrando a popularização. Dessa maneira, o rádio se estabeleceu como o principal meio de comunicação de massa do país, na época. Blois comenta sobre a relação do brasileiro com a rádio:

Bem, o brasileiro acorda ... e liga o RÁDIO! Daí em diante, ele não é mais o mesmo - os acontecimentos considerados destaques de sua cidade, país ou do mundo, chegam-lhe através do seu noticiário radiofônico preferido (Blois, 1996, p. 13-14)

O hábito descrito por Blois (1996) mostra como o rádio moldou rotinas, especialmente num período de alto analfabetismo. Historicamente, o rádio foi uma das principais formas de acesso à informação e formação de opinião. Calabre (2004) destaca que “mais da metade da população do país tinha o rádio como principal fonte de informação, atualização e ligação com a sociedade”.

A obra representa o rádio não só como fonte de informação, mas como um artefato carregado de poder simbólico. Segundo Langdon Winner (1986), tecnologias “podem favorecer o poder e privilégio de uns sobre os outros” (Winner, 1986, p. 24). Assim, o rádio se tornou forte cultural e politicamente por criar narrativas.

A minissérie *Hilda Furacão* não adota uma visão única sobre o papel da rádio, pois ora se aproxima do determinismo tecnológico, ora revela traços de neutralidade, dependendo do contexto e da ação dos personagens. Segundo Val Dusek, “à medida que a tecnologia se desenvolve e muda, as instituições no resto da sociedade mudam, como fazem a arte e a religião da sociedade” (Dusek, 2008, p. 117), o que ajuda a entender momentos em que o rádio atua quase como força autônoma, como nas mobilizações.

Na série, as transmissões de rádio geram efeitos imprevisíveis, como protestos, fugindo do controle. Personagens também o usam estrategicamente, como Hilda e Loló. Nas campanhas moralistas, o rádio age quase como força determinista, moldando comportamentos apenas pela difusão da informação. Em resumo, é possível afirmar que o rádio em *Hilda Furacão* é representado como um artefato tecnológico ambíguo, reforçando a ideia de que é um meio de influência e disputa, mas os efeitos variam conforme a maneira como é apropriada dentro do drama.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, compreende-se que a análise do papel fundamental do rádio na minissérie *Hilda Furacão* ocupa um lugar de destaque não apenas na ambientação histórica da narrativa, mas também como agente ativo que contribui para o desenvolvimento da trama. O rádio na história é usado como ferramenta de grande influência, mas também apenas como canal de expressão, visto que, a série não adota uma abordagem muito fixa em fazer essa distinção. Assim, *Hilda Furacão* nos convida a reconsiderar o rádio não apenas como um meio de comunicação, mas como um protagonista ativo na construção de narrativas.

REFERÊNCIAS

- CALABRE, LIA. **A Era do Rádio - Memória e História**. ANPUH, João Pessoa, 2003. Disponível em: <https://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S22.379.pdf>
- CALABRE, L. **A Era do Rádio**. 2ª edição: Zahar, 2002. ISBN: 978-857-1106-84-0.
- CALABRE, L. **A Participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira**. (1923-1960). 2004.
- CALABRE, L. **NO TEMPO DO RÁDIO**: Radiodifusão e Cotidiano no Brasil. (1923-1960). 2002.
- CALEGARI, L. C. (2009). **DO SOCIAL AO ESTÉTICO**: NOTAS SOBRE “HILDA FURACÃO”, DE ROBERTO DRUMMOND. Letras, (38), 101–115. Brasil, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11998>
- DUSEK, Val. **Filosofia da Tecnologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- FERREIRA, A. da P. **A invenção do rádio**: um importante instrumento no contexto da disseminação da informação e do entretenimento. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/16969>.
- LAW, John. “Notas Sobre a Teoria do Ator-Rede: Ordenamento, Estratégia, e Heterogeneidade”. Tradução de Fernando Manso. Disponível em: <http://www.necso.ufrj.br/Trads/Notas%20sobre%20a%20teoria%20Ator-Rede.htm>
- PEREIRA, Pedro. Cinema brasileiro conquista novos públicos por meio das redes sociais. Jornal da Universidade UFRGS, 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/283301/184-2.pdf?sequence=1>.
- SOARES, I. A. N. (2023). CONTROLE E PODER SIMBÓLICO NA OBRA DE ROBERTO DRUMMOND. Sapere Aude, 14(27), 122-141. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/30540/20981>
- WINNER, L. “Do Artifacts Have Politics?” in ___. “The Whale and the Reactor – A Search for Limits in an Age of High Technology”. Chicago: The University of Chicago Press, 1986. p. 19-39. (Traduzido por Fernando Manso).